

Impel Down e o Autoritarismo: Uma Análise Semiótica dos Símbolos de Ódio¹

Karolaine Victoria Ferraz²
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

O estudo investiga símbolos de ódio e referências a regimes autoritários na saga *Impel Down* de *One Piece*. Com base em Peirce (2000), Barthes (2001) e Chartier (1999), analisa como a prisão Impel Down representa sistemas totalitários por meio de signos visuais e narrativos. A metodologia envolve análise qualitativa e a ressignificação pelo público. Os resultados mostram que a obra permite múltiplas leituras, entre crítica social e estilização ficcional da opressão, destacando a cultura pop como espaço de reflexão sobre poder e controle.

PALAVRAS-CHAVE

Símbolos de ódio; Regimes autoritários; Semiótica; One Piece; Impel Down.

RESUMO EXPANDIDO

O estudo investiga a presença de símbolos de ódio e referências a regimes autoritários na saga *Impel Down* de *One Piece*, analisando as implicações semânticas e ideológicas desses elementos no contexto da narrativa. Como animação japonesa de grande impacto na cultura pop³ global, *One Piece* destaca-se não apenas pela construção de mundo e desenvolvimento de personagens, mas também pela capacidade de abordar questões políticas e sociais por meio de tramas e simbolismos.

Em paralelo, é importante destacar que *One Piece* é um anime japonês baseado no mangá de mesmo nome, escrito e ilustrado por Eiichiro Oda. Lançado em 1999, o anime acompanha as aventuras de *Monkey D. Luffy* e sua tripulação em busca do lendário tesouro *One Piece*. Produzido pelo estúdio Toei Animation, é exibido no Japão pela Fuji TV e, globalmente, por plataformas de streaming como Crunchyroll e Netflix.

Diante desse cenário, o objetivo geral do estudo é compreender de que maneira signos históricos e culturais são reinterpretados na obra, identificando como a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Ficção Seriada Audiovisual), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Graduanda do curso de Rádio, TV e Internet na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail:

³ Segundo Sá, Carreiro e Ferraraz (2015), a Cultura Pop é compreendida como um campo que aglutina ambiguidades, tensões, valores e disputas simbólicas, por meio de dimensões culturais, estéticas, políticas e mercadológicas do pop, abordadas a partir de múltiplos suportes teóricos e metodológicos e de análises de casos.

representação da opressão e do controle estatal em *Impel Down* se relaciona com estruturas totalitárias do mundo real. O impacto cultural de *One Piece*, especialmente em nível global, pode evidenciar como uma obra de entretenimento, direta ou indiretamente, funciona como veículo para discussões sobre regimes autoritários, violência institucionalizada e controle estatal. A análise de *One Piece*, portanto, oferece uma oportunidade para a reflexão sobre o papel da mídia popular na construção de discursos sociais e políticos, muitas vezes ancorados em simbologias profundas que ecoam as preocupações da sociedade.

A análise concentra-se no espaço narrativo da prisão *Impel Down*, um ambiente marcado por uma atmosfera opressiva e desumanizadora. A própria estrutura da prisão, dividida em diferentes níveis de punição, sugere uma hierarquia brutal, na qual os prisioneiros são submetidos a torturas cada vez mais severas, proporcionalmente à gravidade dos crimes cometidos.

Cada nível da prisão apresenta características físicas e psicológicas distintas, refletindo uma progressão no sofrimento dos detentos e evidenciando uma crítica ao tratamento impiedoso e desproporcional imposto por regimes totalitários. Os carcereiros, por sua vez, são retratados como figuras despersonalizadas, cujas vestimentas e comportamentos evocam instituições repressivas ao longo da história.

Esses elementos reforçam a construção simbólica de *Impel Down* como uma metáfora dos abusos de poder cometidos por regimes autoritários, nos quais o Estado detém controle absoluto sobre os indivíduos. Conforme explicita Foucault (2019), em *Vigiar e Punir*, o Estado exerce controle sobre os indivíduos por meio de instituições disciplinares, como prisões, escolas e hospitais. O filósofo francês argumenta que o poder moderno não se baseia apenas na repressão, mas na vigilância constante e na normatização dos comportamentos.

Desse modo, a partir da compreensão desses elementos presentes na narrativa, a análise semiótica visual (Pierce, 2000), investiga como os detalhes estéticos dos cenários e das vestimentas contribuem para a construção desse espaço opressor, o que se torna fundamental para entender como a série gera uma sensação de claustrofobia e desumanização. As roupas dos guardas, por exemplo, apresentam signos e símbolos que se remetem a cores frias e formas rígidas, características que simbolizam a possibilidade de uma atmosfera de repressão e impessoalidade das estruturas de poder.

A pesquisa baseia-se em uma abordagem semiológica para examinar os elementos visuais, narrativos e simbólicos da saga. A teoria dos signos de Charles Sanders Peirce (2000) é utilizada para categorizar os diferentes tipos de signos presentes em *Impel Down*: icônicos (elementos que mantêm semelhança com a realidade, como os uniformes dos guardas), indexicais (marcas de tortura que remetem à violência sofrida pelos prisioneiros) e simbólicos (construções culturais que associam a prisão a sistemas opressivos reais).

A aplicação dessa teoria permite uma compreensão mais profunda de como os elementos visuais e simbólicos em *One Piece* transmitem significados que vão além da narrativa superficial, desafiando o espectador a refletir sobre os sistemas de poder na realidade. O conceito de semiose ilimitada, proposto por Umberto Eco (1980), sugere que a interpretação dos signos presentes em *Impel Down* não é estanque, mas sempre sujeita a novos significados, conforme a experiência do espectador. Nesse sentido, a obra torna-se um campo fértil para múltiplas interpretações, com diferentes camadas de leitura dependendo do contexto social e político do público, que, por meio das plataformas de streaming, se tornou global.

Para ampliar a compreensão dos significados atribuídos a esses signos, a pesquisa também se apoia na teoria da recepção de Roger Chartier (1999), que enfatiza como a interpretação de um texto ou signo depende do contexto sociocultural do receptor. Isso implica que, enquanto alguns espectadores podem perceber *Impel Down* como uma crítica às estruturas autoritárias, outros podem interpretá-la apenas como um cenário fictício estilizado, sem associações diretas com eventos históricos. A recepção da obra por públicos de diferentes nacionalidades e contextos históricos é uma das questões centrais dessa análise, pois permite explorar como a percepção de violência e controle estatal pode variar conforme a vivência e as experiências culturais dos receptores. Essa abordagem amplia a compreensão de como a obra pode ser vista como um reflexo das realidades sociais de diferentes regiões do mundo.

Roland Barthes (2001), em *Mitologias*, contribui para a discussão ao demonstrar como elementos do cotidiano e da cultura pop podem ser transformados em mitos que reforçam ideologias dominantes. *Impel Down*, nesse sentido, pode ser vista tanto como uma desconstrução do mito da justiça punitiva quanto como um reforço da naturalização da violência institucionalizada. A distinção entre denotação (a prisão

como local de punição) e conotação (a prisão como representação de um sistema opressor) é essencial para compreender as camadas de significado presentes na obra. Barthes (2001) ainda explica como os mitos podem ser construídos a partir da repetição de certos símbolos e imagens na mídia, o que torna elementos que parecem neutros em portadores de ideologias, como é o caso das imagens da prisão e de seus funcionários, que constantemente reforçam a imagem do poder totalitário.

Em convergência, Umberto Eco (1980), em *Tratado Geral de Semiótica*, amplia essa perspectiva ao introduzir o conceito de semiose ilimitada, que sugere que o processo de interpretação nunca se encerra, pois cada signo pode gerar novas leituras conforme o repertório do receptor.

Dessa forma, *Impel Down* pode adquirir diferentes significados dependendo do público e do contexto histórico em que é analisada. A obra de Eco (1980) cria diálogos e torna-se particularmente útil para entender como a prisão não é apenas um cenário estático, mas um espaço narrativo aberto a várias interpretações, com signos de opressão e poder sendo constantemente reconfigurados à medida que novas leituras culturais surgem.

O estudo também se fundamenta na análise de Hannah Arendt (1989) em *Origens do Totalitarismo*, que descreve características fundamentais dos regimes totalitários, como a anulação da individualidade e a instrumentalização da violência como ferramenta de controle. Esses elementos encontram eco em *Impel Down*, onde os prisioneiros são reduzidos a meros corpos a serem disciplinados e punidos, sem qualquer reconhecimento de sua identidade ou história.

Segundo Arendt (1989, p.347), “O domínio totalitário, porém, visa à abolição da liberdade e até mesmo à eliminação de toda espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade”. A obra de Arendt (1989) permite um aprofundamento na compreensão de como sistemas opressores utilizam de mecanismos de controle desumanizantes, o que ressoa diretamente na estrutura da prisão. A instrumentalização da violência, como ferramenta de dominação, é um aspecto que transparece na narrativa de *One Piece*, onde a tortura e a humilhação dos prisioneiros são vistas como parte de um processo de desindividualização e subordinação absoluta.

Por fim, os resultados, ainda iniciais obtidos por esta pesquisa em desenvolvimento, indicam que *Impel Down* incorpora vários elementos simbólicos que

remetem a regimes totalitários, mas sua recepção varia de acordo com o contexto cultural dos espectadores. Enquanto alguns enxergam a saga como uma crítica às práticas opressivas, outros a interpretam como uma estilização ficcional sem referência explícita a eventos reais. Essa pluralidade de interpretações reforça a importância da análise semiológica e da teoria da recepção na compreensão da cultura pop. Essa análise não apenas ilumina as práticas de representação do poder e da opressão, mas também nos ajuda a compreender o papel da mídia na formação de uma consciência política crítica.

Ainda observamos que a relevância deste estudo reside na maneira como evidencia que a cultura pop pode ser um espaço de reflexão sobre questões políticas e históricas. Ao investigar como *One Piece* reconfigura símbolos de opressão dentro de um contexto ficcional, o trabalho contribui para um entendimento mais profundo sobre a interseção entre entretenimento e discurso ideológico.

Como continuidade, futuras pesquisas podem explorar a percepção de fãs de diferentes nacionalidades sobre *Impel Down*, bem como analisar outras sagas de *One Piece* que abordam temáticas de poder, opressão e resistência. Além disso, a análise de como os elementos da cultura pop moldam e são moldados pelas ideologias dominantes abre novas possibilidades para investigar a complexa relação entre mídia e política.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.
- ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. **Cultura pop**. EDUFBA, 2015.